

UTE

INFORMA

Sindicato dos Trabalhadores do Ensino de Minas Gerais Fevereiro/89 N° 27 A UTE é filiada à CUT, CNTE e Coordenação Sindical

6

Entrevista

Educação: o sério coi

Paulo Freire dispensa apresentações. Educador-Mestre, uma das maiores autoridades mundiais nas questões relacionadas à Educação, fala de Escola Pública. Esta mesma, espécie em extinção, que se revigora quando analisada por ele.

UTE-INFORMA - Quem é Paulo Freire no atual contexto educacional brasileiro?

Paulo Freire - Não me sentiria à vontade falando de mim mesmo e situando-me no atual contexto educacional brasileiro. A única afirmação que posso fazer sem cair na imodéstia lamentável ou na mais lamentável ainda falsa modéstia, uma forma "sem vergonha" de ser imodesto, é a de que venho sendo um educador vivo, presente, no contexto educacional brasileiro. Isto me basta.

UTE-INFORMA - O que é ser trabalhador do ensino no Brasil de hoje?

Paulo Freire - Não há um trabalhador do ensino, no Brasil ou em qualquer sociedade, como algo abstrato, universal. O trabalhador do ensino, enquanto tal, é um político, independentemente de se é, ou não, consciente disto. Daí que me pareça fundamental que todo trabalhador do ensino, todo educador ou educadora, tão rapidamente quanto possível, assuma a natureza política de sua prática. Defina-se politicamente. Faça a sua opção e procure ser coerente com ela.

Desta forma, o que é ser um trabalhador do ensino hoje no Brasil depende da sua posição político-ideológica, clara ou não. De se é progressista, com este ou aquele matiz de se é conservador ou reacionário, por ingenuidade ou conivência.

"[...] Venho sendo um educador vivo, presente, no contexto educacional brasileiro. Isto me basta."

Não é fácil perfilar o educador progressista ou o reacionário sem correr o risco de cair em simplismos. Situando-me entre os educadores e as educadoras progressistas do Brasil, hoje, diria que nos assumir assim significa, por exemplo, trabalhar lucidamente em favor da escola pública, em favor da melhoria de seus padrões de ensino, em defesa da dignidade dos docentes, de sua formação permanente. Significa lu-

tar pela educação popular, pela participação crescente das classes populares nos conselhos de comunidade de bairro, de escola. Significa incentivar a mobilização e a organização não apenas de sua própria categoria mas dos trabalhadores em geral como condição fundamental da luta democrática com vistas à transformação necessária e urgente da sociedade brasileira.

"A escola pública básica não anda bem por causa do descaço que as classes dominantes neste país têm por tudo o que cheira a povo."

UTE-INFORMA - Como vai a escola pública?

Paulo Freire - As forças e o poder reacionários deste país enterraram a escola pública. A política educacional dos governos militares se orientou no sentido da privatização do ensino, a que correspondia um descaço indiscutível pelo ensino público, representado, também, na falta de respeito à figura da educadora e do educador.

A política de privatização do ensino obviamente afetaria, em cheio, os interesses das classes populares, uma vez mais pagando o conforto e as regalias das chamadas favorecidas.

É interessante observar o movimento que uma mesma geração que se matricula num certo ano nas escolas de primeiro grau no país pode fazer.

Em primeiro lugar, consideremos o número assombroso de crianças em idade escolar que "ficam" fora da escola. Na verdade, não ficam fora da escola, como se ficar ou entrar fosse uma questão de opção. São proibidos de entrar, como mais adiante muitas das que conseguem entrar são expulsas e delas se fala como se tivessem se evadido da escola. Não há evasão escolar. Há expulsão. Em segundo, consideremos o número das crianças populares que entram ou que não são proibidas de entrar na escola pública e o número destas que conseguem passar do primeiro ano para o segundo e deste para o terceiro do primeiro grau.

Pensamos também, no número dos jovens e das jovens das classes popula-

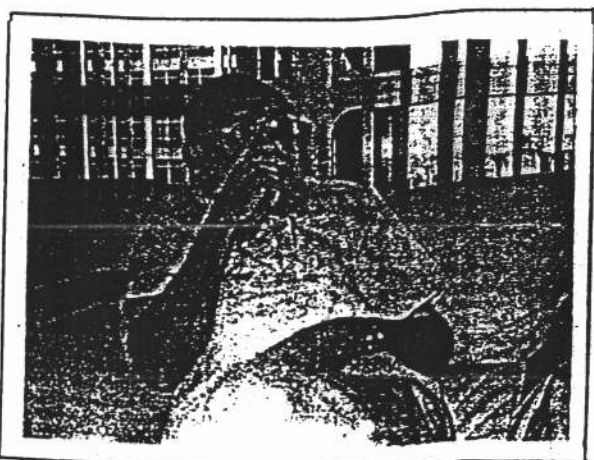
res que fazem o chamado supletivo de forma precária em cursos noturnos, na sua grande maioria pagos.

Os meninos e meninas das classes médias da mesma geração percorrem o seu curso de 1º e 2º graus em escolas pagas, exigentes, e, ao chegar o momento de ingressar na Universidade, fazem revisões de conhecimentos e capacitação em "cursinhos" para submeter-se ao vestibular.

Neste exato momento, as que podem pagar e cursaram escolas privadas caras, vêm para as Universidades gratuitas federais e estaduais. Os poucos jovens pobres que conseguiram, a duras penas, chegar ao fim dos cursos médios, não podendo competir com os outros, não têm outro sei onde se abrigar, senão o das Faculdades caras, quase sempre sem rigor nenhum.

A escola pública não anda bem, não porque faça parte de sua natureza não andar bem, como muita gente gostaria que fosse e insinua que é. A escola pública básica não anda bem, por causa do descaço que as classes dominantes neste país têm por tudo o que cheira a povo. Por isso enfatizei na resposta anterior a necessidade de lutarmos por ela, os educadores e as educadoras progressistas.

"[...] nos assumir assim significa, por exemplo, trabalhar lucidamente em favor da escola pública, em favor da melhoria de seus padrões de ensino, em defesa da dignidade dos docentes, de sua formação permanente."



UTE-INFORMA - Como você está vendo o processo de municipalização do ensino em todo o país?

Paulo Freire - Toda vez que penso em municipalização o que me anima centralmente e me põe de imediato a favor do processo é exatamente o que pode haver nele [e por que devemos nos batê] de democrático, de descentralizador, de antiautoritário.

Para mim, argumentos às vezes corretos, válidos, perdem sua validade porque deveriam ser levantados, não contra ela, mas contra possíveis distorções dela.

Às vezes se fala da municipalização como se ela tivesse uma certa natureza imutável que necessariamente criasse e estimulasse, por exemplo, o "caciquismo" ao nível da luta política ou a visão e a prática antidialéticas do "focismo" ao nível da educação. Na verdade, a política clientelista, caciquista, autoritária não está esperando pela municipalização para existir. A visão focista também tem competência, quer dizer, não tem gente competente para gerir seus negócios no campo da educação, da cultura, da saúde, etc. também não vale. É coisa óbvia que haja carência das áreas municipais, mas é óbvio também que, tendo de enfrentar suas dificuldades, elas as superarão e só as enfrentando aprenderão a marchar.

O que se imporia era um esforço de colaboração efetiva do governo Central e dos governos estaduais bem como uma política de intercâmbio entre municipalidades.

Numa sociedade como a nossa, em que o autoritarismo corta as classes sociais, [entre nós é tão autoritário o acadêmico arrogante, que olha os demais

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Celso Corá, 550 2º andar cj. 22
11110-100 - São Paulo - SP - Brasil
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
mail: ipf@paulofreire.org

Compromisso de arriscar

de cima e de longe quanto o porteiro que toma conta da porta de entrada da sala de professores numa noite de conclusão de cursos universitários) todo esforço nosso em favor das práticas democráticas é importante.

UTE-INFORMA - Existe "algo" na escola formal vigente que pode ser aproveitado?

Paulo Freire - Sim. A seriação escolar, por exemplo. A integração vertical e horizontal dos conteúdos, a co-educação em todos os níveis.

Seria urgente, porém, superar o sentido propedêutico da seriação - o ensino do primeiro grau preparando para o do segundo e o deste para o terceiro.

"(...) eu prefiro ser "ingênuo" e acreditar que não se faz democracia autoritariamente."

Cada província de ensino deveria propor uma espécie de "plenitude" em si mesma de tal modo que, quem fizesse o primeiro grau, apenas, bem feito, se sentisse capaz de mover-se com os conhecimentos dele recolhidos e não sentir-se frustrado por se haver experimentado num tempo de preparação para algo que não ocorreu.

UTE-INFORMA - A transformação da sociedade passa pela escola? Até que ponto?

Paulo Freire - Tenho dito, desde faz muito tempo, que a educação não é a alavanca para a transformação da sociedade porque poderia ser. O fato porém de não ser, porque poderia ser, não diminui a sua importância no processo. Esta importância cresce quando, no jogo democrático, partidos progressistas alcançam o governo e, com ele, uma fatia do poder. Neste caso, tudo o que for possível fazer de forma competente, para introduzir mudanças democráticas no aparato escolar deve ser feito. Formação permanente das educadoras, sem manipulação ideológica mas com clareza política, deixando iluminada a opção progressista da administração. Reformulação do currículo, participação popular na vida da escola, associações de pais, conselhos de escola etc.

Se a escola, de corte burguês, se preocupe apenas com o ensino autoritário dos conteúdos, ocultando, no processo, razões de ser de fatos ou falando de falsas razões deles, numa escola de governo progressista se torna imperioso o ensino dos conteúdos, a que se junte a leitura crítica e desocultante da realidade.

Finalmente, só numa compreensão dialética de relação escola-sociedade é possível não só estudar, mas trabalhar

o papel fundamental da escola na transformação da sociedade.

UTE-INFORMA - Como você vê a escola de tempo integral?

Paulo Freire - Há dias passados, noutra entrevista, recebi pergunta semelhante. Vou me dar o direito de, mais uma vez, repetir-me um pouco. Não me parece possível pensar a prática educativa, portanto a escola, sem pensar a questão do tempo, de como usar o tempo para aquisição de conhecimento, não apenas na relação educador-educandos, mas na experiência inteira, diária, da criança na escola. Em excelente dissertação de mestrado, a professora pernambucana Eliete Santiago, hoje secretária de educação da cidade do Cabo, próxima ao Recife, analisou recentemente, com lucidez, o uso do tempo, na escola, contra a criança popular.

A escola progressista seria não pode estragar o tempo, botar a perder o tempo de a criança conhecer. Mas, se a partir, me parece, de um limite mínimo de tempo para a prática escolar é possível pensar em como usá-lo de forma produtiva. Este limite mínimo para mim é de quatro horas. Não vejo como trabalhar eficientemente com turnos de três horas.

"Acho que o papel de um educador conscientemente progressista é testemunhar a seus alunos, constantemente, sua competência, sua amorosidade, sua clareza política, a coerência entre o que diz e o que faz, sua tolerância, isto é, sua capacidade de conviver com os diferentes para lutar com os antagonísticos."

Neste sentido, uma escola formalmente chamada de tempo integral pode desperdiçar o tempo, do ponto de vista aqui discutido. A designação tempo integral em si não faz milagre. É preciso saber o que fazer do tempo...

UTE-INFORMA - Qual é o papel do educador consciente da realidade e que se sabe agente transmissor da ideologia?

Paulo Freire - Acho que o papel de um educador conscientemente progressista é testemunhar a seus alunos, constantemente, sua competência, amorosidade, sua clareza política, a coerência entre o que diz e o que faz, sua tolerância, isto é, sua capacidade de conviver com os diferentes para lutar

com os antagonísticos. É estimular a dúvida, a crítica, a curiosidade, a pergunta, o gosto do risco, a aventura de criar.

UTE-INFORMA - BH: eleições diretas para diretor e vice. A principal polémica tem sido o critério do voto universal contra o voto qualificado. Qual sua posição sobre isso?

Paulo Freire - Eleição é eleição. Voto é voto. Às vezes tenho a impressão de que em nome de um certo realismo político, por exemplo, "se houver eleição agora, vão votar num malufista", o que se nega é a democracia mesmo. Este é o argumento de muita gente no Brasil. É um argumento elitista e autoritário com ares de realista. Pois eu prefiro ser "ingênuo" e acreditar que não se faz democracia autoritariamente.

Posso dizer alguma coisa sobre as escolas da Rede Municipal de São Paulo. São 654. Destas, 55 recebemos em estado deplorável. Tetos caíndo, poças d'água enormes nas salas, fiação desnuda, fossas entupidas, ratos ameaçadores, apesar da reclamação que suas diretoras faziam desde começos do ano passado. Um descalabro, afinal.

Mas, se o estado calamitoso alcança 55, isto não significa, de modo nenhum, que as demais estejam todas em excelente forma. Todas elas exigem trabalho imediato de conservação para que não comecem a alcançar níveis de profundo estrago.

UTE-INFORMA - Dé-nos um enfoque das escolas de SP e a perspectiva do PT na administração municipal para essas escolas?

Paulo Freire - Recebemos a Rede escolar da cidade de São Paulo revelan-

"A política de privatização do ensino obviamente afetaria, em cheio, os interesses das classes populares, uma vez mais pagando o conforto e as regalias das chamadas favorecidas."

do as marcas de uma administração que não apenas descuidou de forma abusiva a coisa pública, mas intimidou e violentou as consciências de educadoras, de serventas, de todos.

Erundina encontrou a Prefeitura endividada, as obras suspensas, os empreiteiros sem receber dinheiro desde meados do ano passado e a direita a acusa de incompetente porque as obras estão paradas...

Na Secretaria de Educação, ao lado de luta imediata para a recuperação das escolas desfeitas (e sem dinheiro) teríamos, féis à opção de nosso partido, de começar a pensar em reinventar a escola. Em mudar sua cara. Para isto, teremos que reformular o currículo e, nisto, já estamos trabalhando. Por causa disto, por outro lado, temos também que repensar a administração, melhorar os meios de comunicação entre os vários setores, pondo-os todos a serviço da escola, que é o espaço fundamental da Secretaria, em que a prática pedagógica se dá.

Estamos todos empenhados na luta por uma escola pública municipal competente, em que as crianças percebam - vivendo - que estudar é tão sério quanto prazeroso.

Paulo Freire
Março 1985

